



A Arquitetura Sagrada e a Natureza nas Cantigas de Santa María (séc. XIII)

***La Arquitectura sagrada y la Naturaleza en las Cantigas de Santa María
Sacred Architecture and Nature in the Cantigas de Santa María***

Ricardo da COSTA¹
Bárbara DANTAS²

Resumo: A Idade Média foi o tempo da inserção do homem no meio natural. Mais que isso: foi, sobretudo, o tempo da conquista do espaço, dos grandes arroteamentos, das construções arquitetônicas (por vezes em meio à Natureza), das expansões à custa do meio ambiente. Os movimentos monásticos foram os impulsionadores desse avanço. Nesse sentido, os monges foram, por excelência, os desbravadores, os, dominadores, os *domesticadores* da Natureza, tanto sujeitos quanto objetos a induzir este processo de compreensão, de civilização. A própria Teologia assim o permitia (“Toda a natureza [...] se amansa e foi domada pela natureza humana”, Tg 3,7). A *Civilização Ocidental* foi filha desse processo, dessa relação, dessa simbiose, muitas vezes intempestiva, entre a Cultura e a Natureza, a Civilização e a Barbárie, o cru e o cozido. A proposta desse trabalho é analisar a iconografia das iluminuras de duas cantigas e de um louvor presentes nas *Cantigas de Santa Maria*, obra atribuída a Afonso X, *o Sábio*. Nossa metodologia consistiu em delimitar tematicamente a presença da natureza naquelas três iluminuras, quando então fixamos os seguintes *topos artísticos*: 1) a *Natureza sagrada* (Louvor 10), 2) a *Natureza suplicante* (Cantiga 93)

¹ Professor do Departamento de Teoria da Arte e Música (DTAM) da UFES, do Programa de Doctorado Internacional a Distancia del Institut Superior d’Investigació Cooperativa IVITRA [ISIC-2012-022] *Transferencias Interculturales e Históricas en la Europa Medieval Mediterránea* (Universitat d’Alacant, UA) e dos mestrados de Artes e de Filosofia da UFES. *Acadèmic corresponent a l’estranger* da Reial Acadèmia de Bones Lletres de Barcelona. Site: www.ricardocosta.com. E-mail: ricardo@ricardocosta.com.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Artes (PPGA) da Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: babicovre@gmail.com.



e 3) a *Natureza salvadora* (Cantiga 7). Na ordem, da Natureza que cerca e adorna a Virgem, em uma paradoxal dualidade entre o tempo eterno da Natureza e o tempo fugaz e inconstante da Arte. Entrementes, a *Natureza que suplica* isola o leproso em retiro, e, por fim, a *Natureza salvadora* é aquela que envolve, com seu manto paradisíaco, os que pedem a intercessão da Virgem.

Palavras-chave: *Cantigas de Santa María* – Natureza – Arte Medieval – Literatura Medieval.

Abstract: The Middle Ages was the time of insertion of man in Natural environment. More than that: it was, mainly, the time of the conquest of space, the large land clearance, the architectural constructions (sometimes in the middle of Nature), and the expansions at the expense of the environment. The monastic movements were the drivers of this increase. In this sense, the monks were, par excellence, the pathfinders, the lords, the *domesticators* of Nature, both subjects as objects to induce this process of understanding, civilization. Theology itself so allowed (“For every sort of beast and bird and every living thing on earth and in the sea has been controlled by man and is under his authority”, Jas 3, 7). The *Western civilization* was the daughter of this process, of this relationship, of this symbiosis, often unintended, between Nature and Culture, Civilization and Barbarism, raw and cooked. The purpose of this study is to analyze the iconography of the illuminations of two songs and one praise present in the *Cantigas de Santa Maria*, a work attributed to Alfonso X, *the Wise*. Our methodology consisted of thematically define the presence of Nature in those three illuminated, so when we fix the following *artistic tops*: 1) *The Sacred Nature* (cantiga 10), 2) *The Suppliant Nature* (cantiga 93) and 3) *The Saving Nature* (cantiga 7). In order, from Nature that surrounds and adorns the Virgin to Nature, which witnesses the passage of time, in a paradoxical duality between the eternal time of Nature and the fleeting and fickle weather of Art. Meanwhile, the Nature who pleads isolates the leper in his retreat, and, ultimately, the *saving Nature* is one that involves with his heavenly robe who ask the intercession of the Virgin.

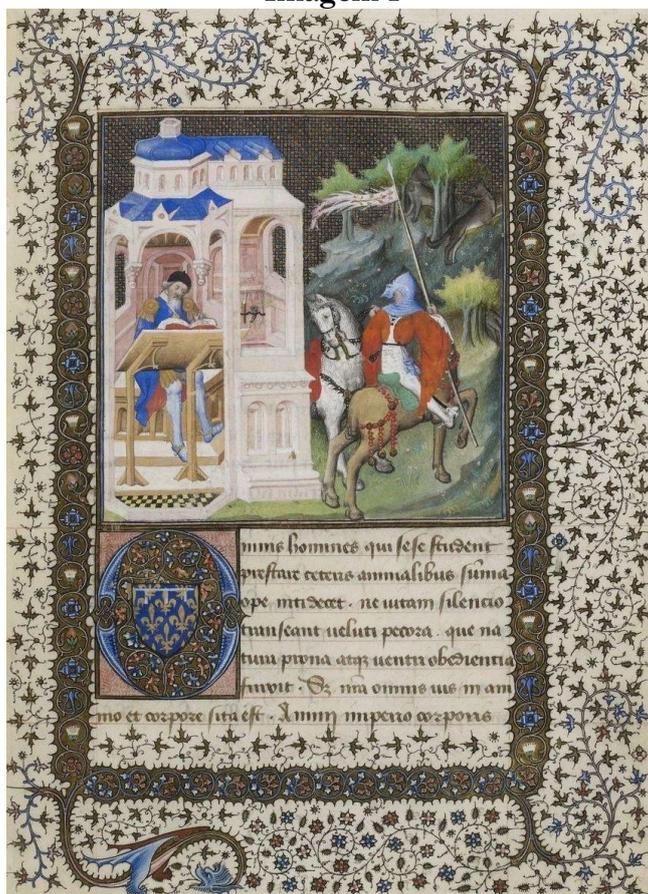
Keywords: *Cantigas de Santa Maria* – Nature – Medieval Art – Medieval Literature.

ENVIADO: 11.01.2015
ACEITO: 18.03.2015

I. A Idade Média, tempo da europeização da Europa

A Idade Média foi o tempo da *metáfora*, da *analogia*³, da indistinção entre o *simbolismo* e o *alegorismo*.⁴ A bela iluminura de um manuscrito elaborado no *alvorecer da Modernidade* (**imagem 1**) é uma maravilhosa *metáfora imagética* para os dois mundos em contato na Idade Média: o da civilização greco-romana, representada na figura de um dos grandes poetas da literatura latina, Salústio (86-34 a. C.), sentado, em sua opulenta residência, a redigir duas de suas mais conhecidas obras (*Conjuração de Catilina* e *Guerra de Jugurta*), e o dos bárbaros, representado pela floresta, temida, misteriosa, desconhecida, dos lobos, das feras, das bestas e dos monstros.

Imagem 1



SALÚSTIO. *De conjuratione Catilinae. De bello Jugurthino* (séc. XV), BnF, Lat. 9684, f. 1.

³ ARAGUÉS ALDAZ, José. “Fronteras estéticas de la analogía medieval”. In: LOMBA, Joaquín (dir.). *Estética Medieval. Revista Española de Filosofía Medieval* 6. Zaragoza: Universidad de Zaragoza, 1999, p. 157-174.

⁴ ECO, Umberto. *Arte e beleza na estética medieval*. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

É a Natureza, com sua força, com a memória dos homens nela impressa, a perpetuar seus mistérios, sua aura mágica e tenebrosa.⁵ Entre ambos, o nobre cavaleiro, intrépido, destemido, cria o *elo civilizacional*, a *ponte do porvir*. Com a típica ousadia e o belicismo de seu tempo, ele é uma boa síntese dos dois universos: o da *romanidade* e o do *barbarismo*, este sempre por cristianizar.⁶ Mesmo no século XV.

Nesse tempo de expansão, de enfrentamento, civilizar era, sobretudo, *domesticar a Natureza*.⁷ Os religiosos, especialmente os monges, foram os desbravadores, a ponta-de-lança desse processo, conduzido, em sua maior parte, pelos camponeses. Mas é sempre preciso mostrar os dois sentidos dessa estrada que foi o contato de culturas no tempo e, nesse caso, de uma cultura com seu meio-ambiente: na Idade Média, houve tanto uma humanização do espaço selvagem quanto um retrocesso do espaço humanizado.⁸

Imagem 2



Illuminura da margem inferior no *Salterio Lutrell* (c. 1320-1340). *British Library*, Add. MS 42130, *folio* 172v.

Naquele ambiente de *humanização do espaço selvagem*, reiteremos, as principais conquistas tiveram como sustentáculo do processo o labor campesino. E monástico. Os arroteamentos consolidaram uma base alimentícia

⁵ SCHAMA, Simon. *Paisagem e Memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

⁶ BARTLETT, Robert. *La formación de Europa. Conquista, colonización y cambio cultural, 950-1350*. Universitat de València/Universidad de Granada, 2003.

⁷ ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

⁸ BARTLETT, Robert, *op. cit.*, p. 183-225.

desconhecida dos padrões antigos. A partir do séc. XI, a paisagem europeia cobriu-se de pequenas áreas de cultivo às margens das florestas, de sistemas de arroteamentos e, principalmente, do cultivo de extensas áreas com variadas culturas. Os campos foram tomados por aldeias de jovens agricultores que secaram os pântanos, abriram canais para aumentar a área de cultivo e construíram estradas para comerciar seus produtos nas cidades.⁹

Imagem 3



São Gregório Magno (540-604), *Moralia in Job* (c. 591), página inicial, letra capitular Q. *Manuscrito de Cîteaux* (c. 1150), Dijon, Bibliotheque Municipale, Ms. 170.

Georges Duby (1919-1996) chega ao ponto de dizer que as esculturas que adornam os pórticos das catedrais góticas só puderam ser esculpidas graças à revolução agrícola levada a cabo por aqueles laboriosos homens.¹⁰ Seja como

⁹ FLANDRIN, Jean-Louis e MONTANARI, Massimo (dir.). *História da Alimentação*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

¹⁰ DUBY, Georges. “Arte e Sociedade”. In: DUBY, Georges e LACLOTTE, Michel. *História Artística da Europa. Tomo I*. São Paulo: Paz e Terra, 1997, p. 15-125.

for, o fato é que, graças a isso, a população da Europa cresceu cerca de 300% entre os séculos XI e XIV (ou seja, até imediatamente antes da *Peste Negra*), e essa prosperidade certamente contribuiu para o desabrochar da arte, já a partir do ano mil. A passagem do cronista Raul Glaber (985-1047) a esse respeito é muito famosa, por isso, merece ser lembrada:

Igitur infra supradictum millesimum tertio jam fere imminente anno, contigit in universo pene terrarum orbe, praecipue tamen in Italia, et in Galliis, innovari ecclesiarum basilicas, licet pleraeque decenter locatae minime indignissent. Aemulabatur tamen quaeque gens Christicolarum adversus alteram decentiore frui. Erat enim instar ac si mundus ipse excutiendo semet, rejecta vetustate, passim candidam ecclesiarum vestem indueret. Tunc denique episcopalium sedium ecclesias pene universas, ac caetera quaeque diversorum sanctorum monasteria, seu minora villarum oratoria, in meliora quique permutavere fideles.

Quase dois anos após o ano mil, as basílicas das igrejas foram renovadas em quase todo o mundo, especialmente na Itália e na Gália, embora a maioria ainda fosse bela o suficiente e não precisasse de reparos. Mas os povos cristãos pareciam competir entre si para aumentar a magnificência das igrejas e torná-las umas melhores que as outras. Parecia que o mundo inteiro, como em uma espécie de acordo, sacudiu os trapos de sua velhice para revesti-las com um manto branco. De fato, os fiéis não se contentavam em reconstruir quase todas as igrejas episcopais, mas também embelezaram todos os mosteiros dedicados a diferentes santos e até mesmo as capelas (*Crônica*, Cap. IV, “Da inovação eclesiástica em todo o mundo”, 252).¹¹

Essa febre artística em meio ao mundo natural, esse *desabrochar das sensibilidades*, em todos os âmbitos socioculturais, foi a consequência estética mais notável que a Idade Média proporcionou ao Ocidente. E uma das manifestações artísticas mais conforme às sensibilidades dos medievais foi a obra de Afonso, o Sábio (1221-1284), as *Cantigas de Santa Maria*, pois o desabrochar do fervor mariano foi uma das explosões religiosas e populares que marcaram os séculos finais da Idade Média.¹²

Implementada pelo rei de Castela e Leão, Afonso X e colaboradores, as *Cantigas de Santa Maria* formam um grandioso compêndio com cerca de 420

¹¹ *Chronicle*, CAPUT IV. *De innovatione ecclesiarum in toto orbe*, 252. Internet, <http://remacle.org/bloodwolf/historiens/glaber/histoire3.htm#IV>.

¹² DANTAS, Bárbara. “Des oge mais quer' eu trobar pola sennor onrada?: a iconografia e os motivos arquitetônicos presentes nos textos das Cantigas de Santa Maria (séc. XIII)”. In: *Anais do XVI Encontro Regional de História da ANPUH-Rio: saberes e práticas científicas*. Rio de Janeiro, 2014, p. 8.

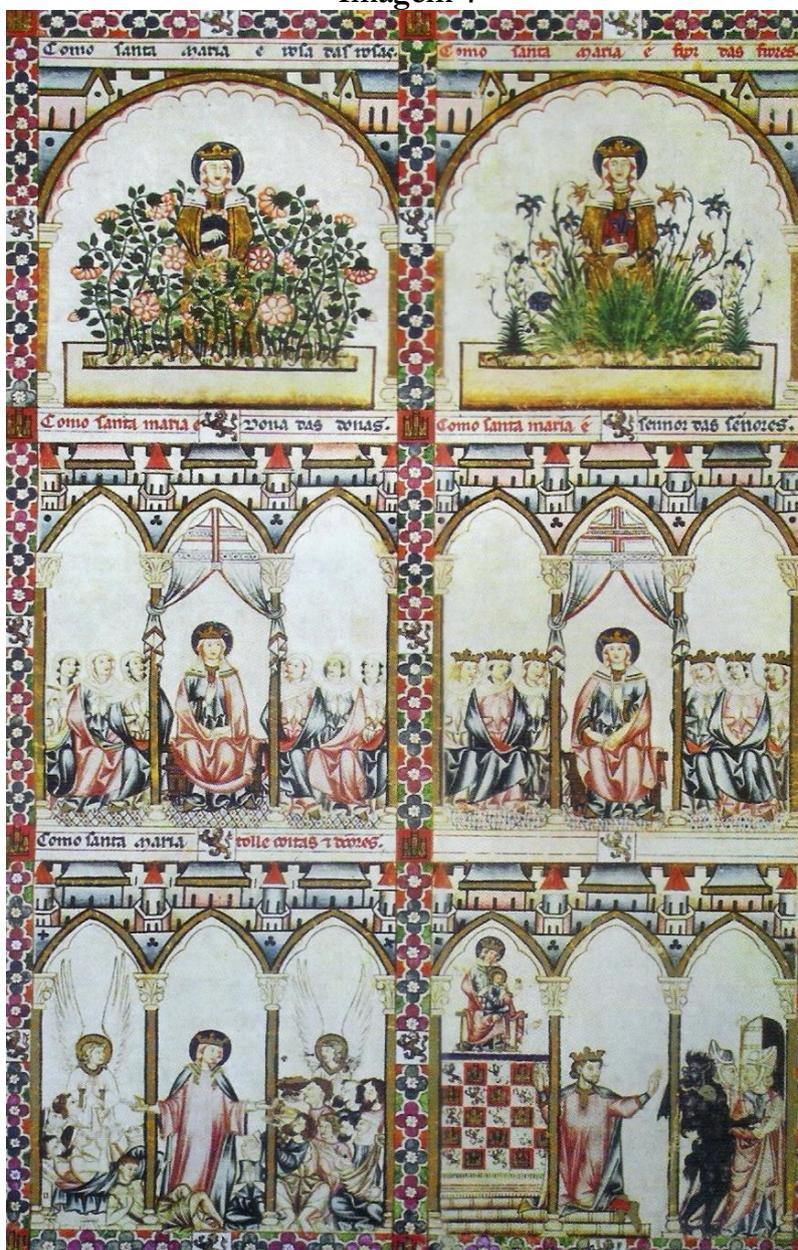
relatos de milagres e louvores à Virgem Maria, escrito em galego-português e repleto de iluminuras de página inteira, além de notações musicais e de letras capitulares ornamentais.¹³

II. A Natureza Sagrada

	10	Esta é de loor de Santa Maria, com' é fremosa e bõa e á gran poder	10	Este é um louvor de como Santa Maria é formosa, boa e poderosa
		<i>Rosas das rosas e Fror das frores,</i>		<i>Rosa das rosas, flor das flores,</i>
		<i>Dona das donas, Sennor das sennores.</i>		<i>Senhora das senhoras, Senhor dos senhores.</i>
		Rosa de beldad' e de parecer		Rosa de beldade e de aparência
5		e Fror d'alegria e de prazer,		Flor de alegria e de prazer,
		Dona en mui piadosa seer,		Ès Senhora muito piedosa,
		Sennor en toller coitas e doores.		Senhor que remedia dores e aflições.
		<i>Rosas das rosas e Fror das frores...</i>		<i>Rosa das rosas, flor das flores...</i>
		Atal Sennor dev' ome muit' amar,		A tal Senhor deve o homem muito amar,
10		que de todo mal o pode guardar;		de todo o mal pode proteger
		e pode-ll' os peccados perdõar,		e seus peccados perdoar
		que faz no mundo per maos sabores.		[peccados] que tornam o mundo desagradável.
		<i>Rosas das rosas e Fror das frores...</i>		<i>Rosa das rosas, flor das flores...</i>
		Devemo-la muit' amar e servir,		Devemo-La muito amar e servir
15		ca punna de nos guardar de falir;		porque pode nos proteger de errar
		des i dos erros nos faz repentir,		e em seguida, dos erros nos faz arrepender
		que nos fazemos come pecadores.		[erros] que nos tornam pecadores.
		<i>Rosas das rosas e Fror das frores...</i>		<i>Rosa das rosas, flor das flores...</i>
		Esta dona que tenno por Sennor		Esta senhora que tenho como Senhor
20		e de que quero seer trobador,		dal qual quero ser trovador,
		se eu per ren poss' aver seu amor,		se porventura puder ter seu amor
		dou ao demo os outros amores.		darei ao Diabo os outros amores.
		<i>Rosas das rosas e Fror das frores...</i>		<i>Rosa das rosas, flor das flores...</i> ¹⁴

¹³ LEÃO, Angela Vaz. *As Cantigas de Santa Maria de Afonso X, o Sábio: Aspectos culturais e literários*. São Paulo: Linear B, 2007, p. 30.

Imagem 4



Cantigas de Santa Maria. Rei Afonso X de Leão e Castela. Séc. XIII. Fac-símile da Biblioteca da PUC/Minas.¹⁵ O Códice original, chamado de “Códice Rico”, encontra-se na Biblioteca de *San Lorenzo*, complexo de *El Escorial*, Madri, Espanha. Louvor 10: *Esta é de loor de Santa Maria, com’ é fremeosa e boa e á gran poder.*¹⁶ Iluminura de página inteira.

¹⁴ METTMANN, Walter. *Cantigas de Santa Maria*. Vol. I, II, III e IV. Madri: Castalia, 1989, p. 84-85 (a tradução é nossa).

¹⁵ LEÃO, Angela Vaz. *Novas leituras, novos caminhos: Cantigas de Santa Maria de Afonso X, o Sábio*. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2008, p. 07.

¹⁶ METTMANN, v. I, *op. cit.*, p. 84.

Domina. Santa Maria domina o mundo. Impera, soberana, sobre os homens. O **louvor 10** leva aos píncaros da glória as principais virtudes da Mãe de Deus. Tornam-na um modelo de santidade, exemplo a ser seguido.¹⁷

Em todas as vinhetas da iluminura é representada coroada, entronada. Pois é senhora, é rainha. Um halo envolve a coroa e a cabeça da Virgem. Um halo azul. Tão rica aos medievais, na simbologia das cores, esta cor era a mais escura antes do preto. Tonalidade do céu, da luz. Da imortalidade de Deus e da transitoriedade do ser humano. A analogia era a ponte na qual se unia a crença mariana com a figura da Virgem na morada celeste. Simbolismo de uma mentalidade enraizada na estreita associação entre as manifestações visíveis com outras, para nós, pecadores, invisíveis: as manifestações do espírito.¹⁸

Nas vinhetas iniciais, no alto da iluminura, a Virgem está sentada em um trono de rosas. A mais nobre das flores (*Rosas das rosas*). É o universo. Ao lado, seu trono está em meio a diversos tipos de flores (*Fror das frores*). É o mundo. Em sua posição hierática, frontal e no arco de volta perfeita que envolve as duas vinhetas, notamos a permanência do estilo românico ainda nas décadas finais do séc. XIII.¹⁹ Neste tipo de vertente artística, plenamente utilizada entre os séculos X e XII no Ocidente Medieval, os seres celestiais eram representados como personagens distantes de nós.²⁰ Da Jerusalém celeste, acompanhavam os sabores e dessabores da humanidade.

Afonso X e seus colaboradores elaboraram o texto de forma que a ideia partisse do geral e para terminar no específico. Do universal para o particular. Desta forma, nas vinhetas seguintes, a Santa aproxima-se da humanidade. Está entre as damas à esquerda e entre outras rainhas à direita. Mantêm-se em sua

¹⁷ COSTA, Ricardo da, e DANTAS, Bárbara. “Bondade, Justiça e Verdade. Três virtudes marianas nas *Cantigas de Santa Maria* e no *Livro de Santa Maria*, de Ramon Llull”. *Internet*, <http://www.ricardocosta.com/artigo/bondade-justica-e-verdade-tres-virtudes-marianas>.

¹⁸ FRANCO JÚNIOR, Hilário. “Ave Eva! Inversão e complementaridade míticas”. In: *Os três dedos de Adão*. São Paulo: USP, 2010, p. 303-329.

¹⁹ Para saber mais sobre o “arco de volta perfeita”, ver TOMAN, Roman. *O Gótico: arquitetura, escultura e pintura*. Colônia: Könemann, 1998, p. 466. O dicionário de outra obra também é bem esclarecedor: GOZZOLI, Maria Cristina. *Como reconhecer a arte gótica*. São Paulo: Martins Fontes, 1986, p. 67. Ver um belo exemplo esquemático deste tipo de arco em RAMALLO, Germán. *Saber ver a arte românica*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 7.

²⁰ TOMAN, Roman. *O Gótico: arquitetura, escultura e pintura*, *op. cit.*, p. 11.

pose soberana, pois é *Dona das donas, Sennor das sennores*.²¹ No entanto, notemos que os arcos que emolduram as duas vinhetas são diferentes. São góticos. Arcos ogivais sobre capitéis floreados.²² Três fileiras de arcos compõem cada vinheta. Destes, os do centro, estão adornados com leves cortinas que imprimem sensibilidade estética à composição. No pano de fundo, a representação do mundo dos homens: a cidade. Este conglomerado de diferentes tipos, crenças e valores. Representado por diversas formas arquitetônicas.²³

A Virgem Maria é a suprema manifestação do Belo na Natureza. O **louvor 10** manifesta toda a alegria pela *Rosa das rosas, Amor dos amores, Senhora das senhoras*.

III. A Natureza Suplicante

	93		93
	Como Santa Maria guareceu un fillo dun burges que era gafo.		Como Santa Maria curou o filho de um burguês que era leproso.
	<i>Nulla enfermidade non é de sãar</i>		<i>Nenbuma enfermidade é tão grave que não possa sarar</i>
5	<i>grav', u a piedade da Virgen chegar.</i>		<i>onde a piedade da Virgen chegar.</i>
	Dest' un mui gran miragr' en fillo dun burges		Disto, um grandioso milagre no filho de um burguês
	mostrou Santa Maria, que foi gafo tres		mostrou Santa Maria. E foi leproso por três
	anos e guareceu en mēos que un mes		anos e se curou em menos de um mês
10	pola sa piedade que lle quis mostrar.		por Sua piedade que à ele quis mostrar.
	<i>Nulla enfermidade...</i>		<i>Nenbuma enfermidade...</i>
	Est' era mui fremoso e apost' assaz,		Este era muito formoso e bem

²¹ LEÃO, Angela Vaz. *As Cantigas de Santa Maria de Afonso X, o Sábio: Aspectos culturais e literários*, op. cit., p. 138-141. Ver a cantiga em galego-português: METTMANN, 1989, v. I, op. cit., p. 84.

²² TOMAN, Roman. *O Gótico: arquitetura, escultura e pintura*, op. cit., p. 22 e 26; GOZZOLI, Maria Cristina. *Como reconhecer a arte gótica*, op. cit. Para os capitéis floreados, ver COLE, Emily. *História ilustrada da arquitetura*. São Paulo: Publifolha, 2011, p. 201. Um belo exemplo de capitel com ornamentos florais encontra-se em WILLIAMSON, Paul. *Escultura gótica: 1140-1300*. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 1998, p. 213.

²³ LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades*. São Paulo: UNESP, 1998, p. 95.

		proporcionado,
	e ar mui letrado e de bon solaz;	e ainda muito letrado e agradável.
	mais tod' aquele viço que à carne praz	Mas todo aquele vício que à carne agrada,
15	fazia, que ren non queria en leixar.	de forma, alguma queria deixar.
	<i>Nulla enfermidade...</i>	<i>Nenbuma enfermidade...</i>
	El assi manteendo orgull' e desden,	Assim, mantendo o orgulho e o desdém
	quiso Deus que caess' en el mui gran gafeen,	quis Deus que ele caísse em uma grave lepra
	ond' ele foi coitado que non quis al ren	que o deixou tão aflito que nada mais queira
20	do mund' erg' ù' ermid' u se foi apartar.	do mundo. Por isso, ergueu uma ermida onde foi se refugiar.
	<i>Nulla enfermidade...</i>	<i>Nenbuma enfermidade...</i>
	E el ali estando, fillou-ss' a dizer	Ali, pôs-se a dizer
	ben mil Ave Marias por fazer prazer	mil Ave Marias para dar prazer
	aa Madre de Deus, por que quisess' aver	à Mãe de Deus, para Ela ter
25	doo e piadad' e del amêrcear.	dor e compaixão e dele se apiedar.
	<i>Nulla enfermidade...</i>	<i>Nenbuma enfermidade...</i>
	E el en atal vida tres anos durou,	Tal vida, três anos durou,
	sofrendo ben sa coita, e nunca errou	sofrendo bem sua dor, mas, nunca deixou
	a Deus nen a sa Madre, e sempre rezou	de a Deus e nem a Sua Madre sempre rezar
30	as Aves Marias de que vos fui falar.	as Ave Marias das quais estou a falar.
	<i>Nulla enfermidade...</i>	<i>Nenbuma enfermidade...</i>
	E pois ouve rezado esta oraçon	Depois de rezar esta oração
	quanto tenpo dissemos, mostrou-xe- ll' enton	o tempo que dissemos, mostrou-se a ele, então,
	a Virgen groriosa e diss': «Oi mais non	a Virgen Gloriosa dizendo: «Hoje, não
35	quero que este mal te faça lazerar.»	quero mais que este mal te faça lancinar.»
	<i>Nulla enfermidade...</i>	<i>Nenbuma enfermidade...</i>
	Quando ll' est' ouve dit', a teta	Quando lhe disse isso, seu seio mostrou

rem

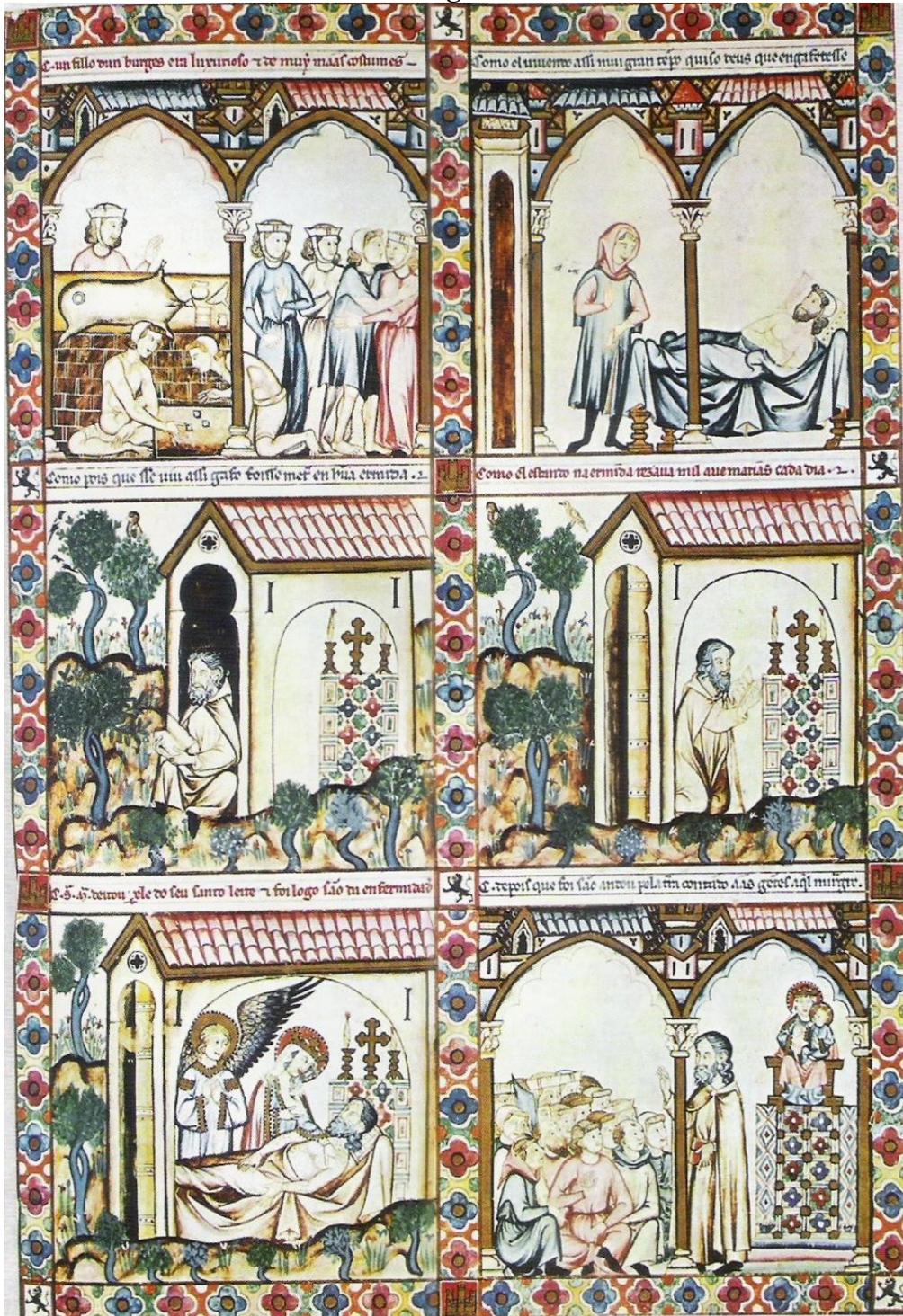
Bento Silva SANTOS (org.). *Mirabilia 20* (2015/1)
Arte, Crítica e Mística – Art, Criticism and Mystique

Jan-Jun 2015/ISSN 1676-5818

	descobriu	
	e do seu santo leite o corpo ll' ongiu;	e com Seu santo leite o corpo dele ungiu;
	e tan tost' a gafeen logo del se partiu,	e imediatamente a lepra dele partiu,
40	assi que o coiro ouve tod' a mudar.	de tal modo que toda a pele esteve a mudar.
	<i>Nulla enfermidade...</i>	<i>Nenbuma enfermidade...</i>
	Tanto que foi guarido, começou-ss' a ir	De tal modo foi curado, que começou a ir
	dizendo pela terra como quis vïir	dizer por toda a terra como quis vir
	a el Santa Maria e o foi guarir,	a ele Santa Maria e o curar,
45	por que todos en ela devemos fiar.	porque Nela todos devemos confiar.
	<i>Nulla enfermidade...</i>	<i>Nenbuma enfermidade...²⁴</i>

²⁴ METTMANN, v. I, *op. cit.*, p. 286-287 (a tradução é nossa).

Imagem 5



Cantigas de Santa Maria. Cantiga 93: Como Santa Maria guareceu um fillo dun burges que Ra gafe.²⁵ Iluminura de página inteira.

²⁵ METTMANN, v. I, *op. cit.*, p. 286.

A cidade. Reduto da diversidade. Do bem e do mal em suas mais visíveis formas.²⁶ Em contrapartida, no campo, é comum a associação a uma vida calma, mais afeita à espiritualidade e menos tentada pelos vícios. Na **cantiga 93**, a iconografia e o texto revelam esta dicotomia tão presente na mentalidade ocidental.

“...mais tod' aquele viço que à carne praz fazia, que ren non queria en leixar.”²⁷ Este trecho do relato de milagre da Virgem mostra que o formoso rapaz apreciava se entregar aos prazeres dos jogos de azar, do sexo e da gula. Vícios que afastam os fiéis de alguns dos princípios essenciais da fé cristã: a austeridade, a castidade e o comedimento. Filho de um burguês, o jovem fazia parte desta nova ordem que no séc. XIII se distinguia por seu poderio econômico, os burgueses. Após as mazelas dos séculos anteriores, o fim do séc. XII e o XIII viveram um período de prosperidade crescente em todos os âmbitos da sociedade. Nas cidades, local de aglomeração de grande parte da riqueza fruto daquela prosperidade, os vícios e suas companheiras, a depravação e a glotonaria, eram presenças cotidianas.²⁸

Na primeira vinheta da iluminura da **cantiga 93**, notaremos que ali estão representadas as práticas nada moderadas do jovem burguês. E como pano de fundo, atrás dos arcos de um estilo gótico ainda muito ligado ao românico, a cidade.²⁹ As construções se unem umas às outras. Há pouco ou nenhum espaço entre elas. Assim era a urbe.

Ademais, o campo... lugar ideal para um encontro com nós mesmos e com Deus. “El assi manteendo orgull' e desden, quiso Deus que caess' en el mui gran gafeen, ond' ele foi coitado que non quis al ren do mund' erg' ã' ermid' u se foi apartar”.³⁰ Nesta parte do texto, o jovem fica desorientado por estar com lepra. Desgostoso com o mundo, refugia-se. Em um lugar ermo, longe das agitações da cidade, constrói uma pequena igreja. Rústica, neste santuário construído no campo, o jovem acometido por uma doença atroz, afasta-se do mundo fútil que não o acolhe mais.

²⁶ LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades*, *op. cit.*, p. 95.

²⁷ METTMANN, v. I, *op. cit.*, p. 286.

²⁸ DUBY, Georges. *O tempo das catedrais*. Lisboa: Estampa, 1979, p. 171.

²⁹ FOCILLON, Henri. *Arte do Ocidente: a Idade Média Românica e Gótica*. Lisboa: Estampa, 1978, p. 161.

³⁰ METTMANN, v. I, *op. cit.*, p. 17-20.

Nas vinhetas três, quatro e cinco encontraremos o jovem – com barba e cabelos grandes e veste monástica – em seu santuário campestre. A igreja é pequena, com um humilde altar. O portal de entrada foi construído em estilo mouro, fruto daquela relação politicamente diacrônica e culturalmente sincrônica entre cristãos e mouros durante os séculos que perduraram as batalhas da Reconquista Ibérica³¹. O pano de fundo é formado por árvores de caules curvilíneos e folhagem frondosa. Pássaros compõem o ambiente dando-lhe o necessário ar bucólico.

*E el en atal vida tres anos durou, sofrendo ben sa coita, e nunca errou a Deus nen a sa Madre, e sempre rezou as Aves Marias de que vos fui falar.*³² Dores e oração. Por três anos o jovem padeceu, mas não se esqueceu de suplicar a misericórdia de Deus através da graça da Virgem. O milagre se concretizou. O jovem foi curado da lepra pelo leite santo dos seios da Virgem. Na última vinheta, como retribuição pela graça concedida e em agradecimento perpétuo, o jovem, não se desfaz de sua veste monástica e retorna à cidade.

Lá, na catedral citadina, realiza um sermão para uma plateia atenta, precisa dividir com o mundo a benção que recebeu da Santa Mãe de Deus. À urbe, onde tudo existe - de bom e de ruim - o pio jovem regressa para se juntar às forças que lutam por uma religião voltada mais aos princípios primevos e menos aos prazeres mundanos³³.

IV. A natureza salvadora

7	Esta é como Santa Maria livrou a abadesa prene, que adormecera ant' o seu altar chorando	7	Esta [canção] conta como Santa Maria livrou a abadesa grávida que, chorando, adormecera diante de Seu altar
	<i>Santa Maria amar</i>		<i>Santa Maria amar</i>
	<i>devemos muit' e rogar</i>		<i>muito devemos, e rogar</i>
5	<i>que a ssa graça ponna</i>		<i>para que Sua graça recaia</i>
	<i>sobre nos, por que errar</i>		<i>sobre nós, e para que errar</i>
	<i>non nos faça, nen peccar,</i>		<i>não nos deixe, nem pecar,</i>
	<i>o demo sen vergonna.</i>		<i>[graças] ao diabo sem vergonha.</i>

³¹ O'CALLAGHAN, Joseph F. *El Rey Sabio. El reinado de Alfonso X de Castilla*. Sevilla: Universidad de Sevilla, 1999, p. 150.

³² METTMANN, v. I, *op. cit.*, p. 27-30.

³³ DUBY, Georges. *O tempo das catedrais, op. cit.*, p. 116.

	Porende vos contarey	Desse modo, contarei a vós
10	un miragre que achei	um milagre que soube
	que por hũa badessa	que por uma abadessa
	fez a Madre do gran Rei,	fez a Mãe do grande Rei,
	ca, per com' eu apres' ei,	pois assim como eu aprendi
	era-xe sua essa.	ela era Sua.
15	Mas o demo enartar	Mas o diabo a enganou
	a foi, por que emprennnar	porque grávida
	s' ouve dun de Bolonna,	ficou de um de Bolonha,
	ome que de recadar	homem que tinha de
	avia e de guardar	governar e preservar
20	seu feit' e sa besonna.	seus feitos e seus negócios.
	<i>Santa Maria amar...</i>	<i>Santa Maria amar...</i>
	As monjas, pois entender	As monjas, após descobrirem
	foron esto e saber,	foram saber [mais],
	ouveron gran lediça;	e tiveram grande prazer
25	ca, porque lles non sofrer	porque queriam vê-la sofrer
	quería de mal fazer,	e desejavam o mal fazer
	avian-lle mayça.	pois tinham malícia.
	E fórona acusar	Por isso, foram acusá-la
	ao Bispo do lugar,	ao Bispo do lugar,
30	e el ben de Colonna	e ele chegou bem de Colônia
	chegou y; e pois chamar	depois a chamou
	a fez, vëo sen vagar,	e [ela] veio sem tardar,
	leda e mui risonna.	cantando e muito risonha.
	<i>Santa Maria amar...</i>	<i>Santa Maria amar...</i>
35	O Bispo lle diss' assi:	O Bispo lhe disse assim
	«Dona, per quant' aprendi	"Senhora, pelo que soube
	mui mal vossa fazenda	muito mal vossos atos
	fezestes; e vin aqui	cometestes. Vim aqui
	por esto, que ante mi	por isso, para que, diante de mim
40	façades end' emenda.»	se arrependa"
	Mas a dona sen tardar	A senhora, sem demora,
	a Madre de Deus rogar	à Mãe de Deus foi rogar,
	foi; e, come quen sonna,	e como quem sonha
	Santa Maria tirar	[viu] Santa Maria tirar
45	lle fez o fill' e criar	seu filho e mandar criá-lo
	lo mandou en Sanssonna.	em Soissons.
	<i>Santa Maria amar...</i>	<i>Santa Maria amar...</i>

	Pois s' a dona despertou e se guarida achou,	Tão logo a senhora despertou e salva se achou,
50	log' ant' o Bispo vëo; e el muito a catou e desnua-la mandou; e pois lle vyu o sêo, começou Deus a loar	diante do Bispo voltou; e ele, muito a observou e mandou que se despisse. Depois que lhe viu o seio começou a Deus louvar
55	e as donas a brasmar, que eran d'ordin d'Onna, dizendo: «Se Deus m'anpar, por salva poss' esta dar, que non sei que ll'aponna.»	e às senhoras blasfemar que pertenciam à Ordem daquela Senhora dizendo: "Se Deus me amparar, salva possa essa [senhora] estar pois não sei o que lhe imputar".
60	<i>Santa Maria amar...</i>	<i>Santa Maria amar...</i> ³⁴

[...] *que a ssa graça ponna sobre nos*³⁵. Natureza e graça. O que o homem não conseguisse através da natureza, através da graça, conseguiria³⁶. Virgem benevolente. Aos que obtinham seu favor, a salvação era a recompensa. Estamos frente a um fenômeno marcante dos séculos XII e XIII e que se tornou uma das maiores manifestações da fé cristã: o culto à Virgem Maria. Para ela, todo tipo de homenagem existiu, desde obras hagiográficas e literárias a objetos litúrgicos, devocionais e imensas catedrais³⁷.

Aquele amor intenso à Virgem se iniciou ainda em fins do séc. XI nas ordens religiosas. Bernardo de Claraval (1090-1153), monge cisterciense, foi um dos primeiros religiosos a exaltar as virtudes marianas. Através da intercessão da Virgem o homem receberia a misericórdia de Deus e a salvação, a redenção³⁸. O gótico, manifestação artística e cultural daquele período, foi o estilo do culto mariano. Não restrito à arquitetura ou à pintura, foi uma manifestação na qual as formas de escrever, construir, ornar e pensar se uniram em uma linguagem que se tornaria, no séc. XIV, o primeiro estilo artístico universal³⁹.

³⁴ METTMANN, v. I, *op. cit.*, p. 75-77 (a tradução é nossa).

³⁵ METTMANN, v. I, *op. cit.*, p. 75.

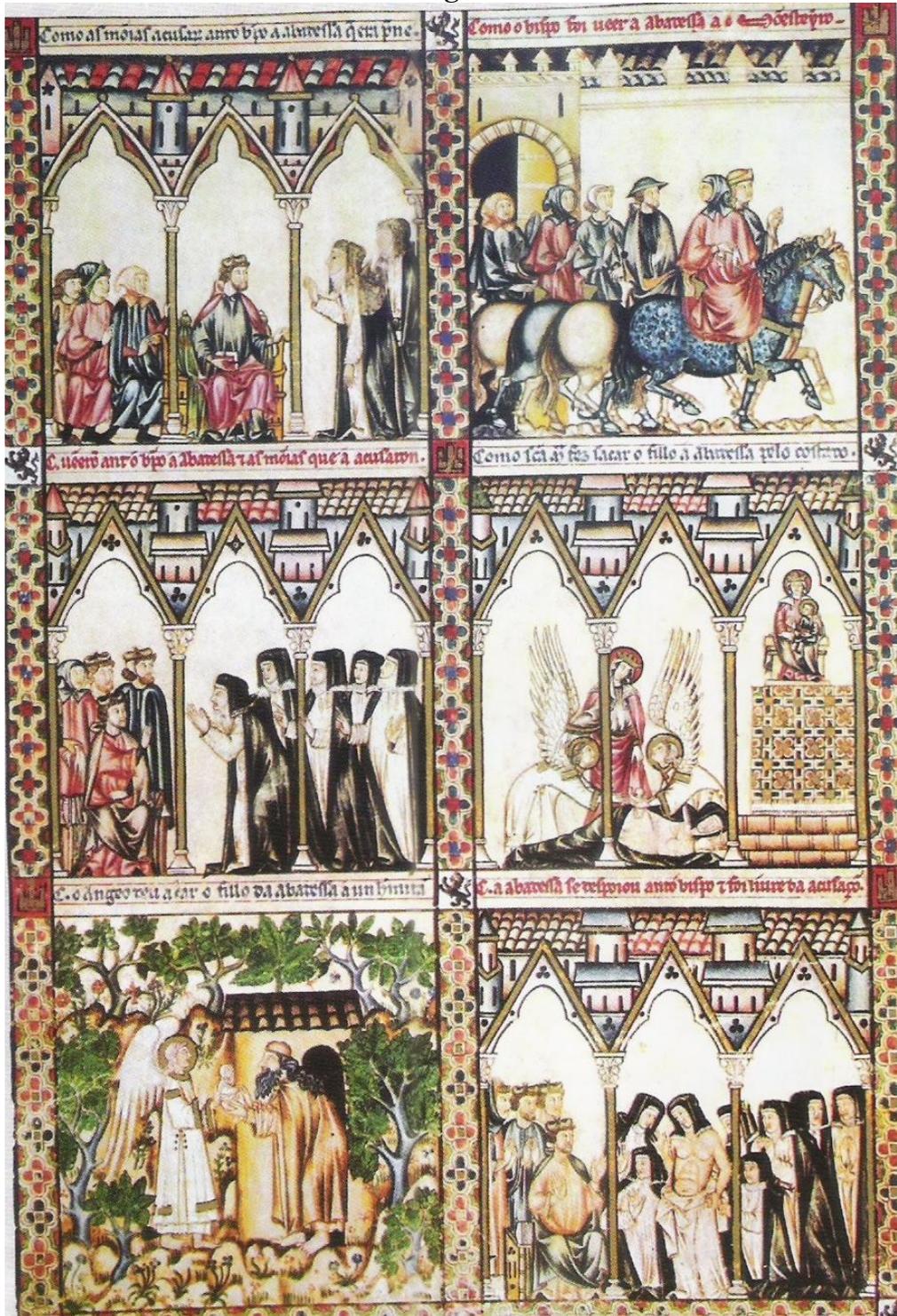
³⁶ COSTA, Ricardo. "El concepto de Naturaleza en la Metafísica Teológica de San Bernardo de Claraval (1090-1153)". *In: De Medio Aevo 1*, 2012, p. 138-139. *Internet*, <http://www.ricardocosta.com/artigo/el-concepto-de-naturaleza-en-la-metafisica-teologica-de-san-bernardo-de-claraval-1090-1153>.

³⁷ FRANCO JÚNIOR, Hilário. "Ave Eva! Inversão e complementaridade míticas", *op. cit.*, p. 304.

³⁸ DUBY, Georges. *O tempo das catedrais*, *op. cit.*, p. 127.

³⁹ CASTRO, Bernardo Monteiro de. *As Cantigas de Santa Maria: um estilo gótico na lírica ibérica medieval*. Niterói – RJ: Editora da UFF, 2006, p. 25.

Imagem 6



Cantigas de Santa Maria. Cantiga 07: *Esta é como Santa Maria livrou a abadessa prenne, que adormecera ant' o seu altar chorando*⁴⁰. Iluminura de página inteira⁴¹.

⁴⁰ METTMANN, v. I, *op. cit.*, p. 75.

Sincretismo. Na Península Ibérica, a relação entre as culturas foi estreita. Judeus, muçulmanos e cristãos conviviam cotidianamente. Na paz e na guerra, as trocas culturais eram frequentes⁴². Na iluminura da **cantiga 07** notemos a junção dos estilos, a influência que este convívio secular trouxe não apenas para a mentalidade do homem peninsular medieval, mas, sobretudo, para as representações da realidade que o cercava. Além destas três culturas que partilhavam o lugar e o tempo da Espanha Medieval, lembremos que a influência da cultura e da política vindos de outros reinos da Europa foi substancial. Afonso X, por exemplo, possuía estreito grau de parentesco com outros importantes governantes do séc. XIII⁴³.

Nas vinhetas um, três, quatro e seis estão as representações da arquitetura gótica e, como pano de fundo, seu lugar de origem e estabelecimento: a cidade. Influência artística advinda da França, reino vizinho ao norte da Espanha e primeiro a abraçar as formas luminosas e naturais do gótico⁴⁴.

Na vinheta dois, o bispo e seus auxiliares saem da cidade de Colônia, localizada no então Sacro Império Romano Germânico em direção à Bolonha, cidade situada ao norte da Península Itálica e sob domínio germânico. Notemos que o portal da muralha possui um estilo bem similar ao românico e, acima dele, das pequenas reentrâncias verticais aparecem. Eram usadas como abertura para arqueiros defenderem a cidade em caso de cerco.

Na vinheta cinco, o campo. Como nas outras iluminuras tratadas neste artigo, no campo está a capela rústica, o monge e a frondosa natureza. No campo, a relação entre a natureza e as obras do homem, a arquitetura, ainda é de respeito. O homem campestre mais interage do que age sobre a natureza.

O estilo artístico, tão aberto ao sincretismo como dito acima, está presente no estilo das faces e nas formas da flora representadas na vinheta cinco. Uma interessante análise comparativa pode ser feita entre as formas das imagens do *Manual de Falcoaria* de Frederico II (1194-1250) com as iluminuras das *Cantigas de Santa Maria* e nesta vinheta em particular. No séc. XIII, apesar do domínio do gótico, a influência do estilo românico ainda era bem presente. O Sacro Império, por exemplo, foi um dos reinos que mais tardiamente aderiu à

⁴¹ Arquivo pessoal: Bárbara Dantas.

⁴² MENOCAL, María Rosa. *O Ornamento do mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 199-201.

⁴³ O'CALLAGHAN, Joseph F. *El Rey Sabio. El reinado de Alfonso X de Castilla, op. cit.*, p. 21.

⁴⁴ DUBY, Georges. *O tempo das catedrais*. Lisboa: Estampa, 1979, p. 104.

influência do gótico. Permanecia ainda muito ligado ao românico⁴⁵. Afonso X, neto de Frederico II, e um dos aspirantes ao trono imperial germânico aderiu às formas estéticas imperiais e as introduziu nas *Cantigas de Santa Maria*.⁴⁶

Conclusão

Natureza. Este ambiente no qual o homem, ao mesmo tempo, submete-se às suas intempestivas vontades e altera quase todo seu aspecto. No Ocidente Medieval, a natureza era incompreendida, mas nem por isso, os homens deixaram de enfrentá-la, de admirá-la. Camponeses e monges. Reis e bispos. O desafio era para todos, sem distinção.

Sagrado. O universo representado no **louvor 10** como um ramo de flores magníficas. A Virgem Maria, *flor das flores*, está no centro deste jardim. O esplendor do céu, representado como ramalhete de flores. Multicolorido, rico em formas e movimento. *Natureza Sagrada*.

O campo. Lugar do pitoresco, do bucólico. Foi ali que o jovem – antes promíscuo e glutão – encontrou a si mesmo e a sua fé. Na **cantiga 93** pássaros, flores e árvores acompanharam o pio leproso em sua empreitada rumo à misericórdia da Virgem. Alterou parte do ambiente ao construir um pequeno santuário. Suas súplicas percorreram três anos. Enquanto o corpo padecia as aflições da lepra, sua fé se mantinha firme. *Natureza suplicante*.

Salvação. Novamente o campo. Lugar da introspecção. Daqueles que fogem da agitação citadina. Tão diverso do ambiente urbano, lá se instalaram monastérios. Na **cantiga 07**, foi para o campo que o anjo levou o bebê, fruto do pecado da abadessa. *Natureza salvadora*.

Arquitetura. Um dos artifícios do homem para se adaptar, para alterar o local onde vive, onde transita. Não existe civilização humana que não quis registrar sua passagem pela natureza, suas impressões sobre a vida, deixar para a posteridade suas memórias⁴⁷. Sejam em palavras, imagens ou construções. Destas histórias visuais deixadas para nós, a arquitetura e suas congêneres foram as manifestações humanas que mais moldaram/mudaram a face do meio ambiente.

⁴⁵ WALTHER, Ingo F.; WOLF, Norbert. *Obras Maestras de la Iluminación*. Madrid: Taschen, 2005, p. 188.

⁴⁶ O'CALLAGHAN, Joseph F. *El Rey Sabio. El reinado de Alfonso X de Castilla*, op. cit., p. 243.

⁴⁷ JONES, Owen. *A gramática do ornamento*. São Paulo: SENAC, 2010, p. 31.



A arquitetura é uma das mais generosas e grandiosas manifestações do saber e da arte humana. Interage com o ambiente. Altera-o. No **louvor 10**, é, ao mesmo tempo, moldura românica do céu e moldura gótica da terra. Na **cantiga 93**, suplicante, o jovem leproso, antes um adepto dos prazeres mais mundanos, troca a cidade pelo campo. A cidade gótica é o berço do pecado, o campo românico com influência da estética mourisca, é o lugar da remissão de seus pecados. Por fim, na **cantiga 07**, a salvação. A abadessa prenhe salva por intercessão da Virgem. A arquitetura é o exemplo do sincretismo de uma época na qual as trocas culturais foram uma constante. O Império Germânico, sua estética, sua cultura, presente nas *Cantigas de Santa Maria*, uma obra castelhana.

Ao cabo destas reflexões, fiquemos com as palavras de Bernardo de Claraval. Crente dos mais pios no poder da Virgem, mas também sabedor dos limites tanto da natureza humana quanto da natureza que nos cerca:

Verumtamen quod non potest natura, potest gratia. Quem ergo hominum unctio Spiritus miserata, perfundere denuo sua benignitate dignabitur, is continuo revertetur in hominem, insuper et aliquid melius a gratia quam a natura recipiet. In fide et lenitate sanctum faciet illum, et dabit illi non oleum, sed balsamum in vineis Engaddi.

Lo que es imposible para la naturaleza, puede conseguirlo la gracia. Cuando la unción del Espíritu se compadece de un hombre, y se digna bañarlo de nuevo con su benignidad, ése vuelve a ser inmediatamente hombre, y recibirá de la gracia bienes superiores a los de la naturaleza. Lo hará santo por su fidelidad y humildad, y le agraciara no con el aceite, sino con el bálsamo de las viñas de Engaddi⁴⁸.

Bibliografia

- ARAGUÉS ALDAZ, José. *Fronteras estéticas de la analogía medieval*. In: LOMBA, Joaquín (dir.). *Estética Medieval*. Revista Española de Filosofía Medieval 6. Zaragoza: Universidad de Zaragoza, 1999, p. 157-174.
- ARENDETT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- BARTLETT, Robert. *La formación de Europa. Conquista, colonización y cambio cultural, 950-1350*. Universitat de València/Universidad de Granada, 2003.
- BASCHE, Jérôme. *A civilização feudal. Do ano mil à colonização da América*. São Paulo: Globo, 2006.

⁴⁸ SAN BERNARDO DE CLARAVAL. *Sobre el Cantar de los Cantares*, Sermón 44, IV.

- CASTRO, Bernardo Monteiro de. *As Cantigas de Santa Maria: um estilo gótico na lírica ibérica medieval*. Niterói – RJ: Editora da UFF, 2006.
- COLE, Emily. *História ilustrada da arquitetura*. São Paulo: Publifolha, 2011.
- COSTA, Ricardo. “El concepto de Naturaleza en la Metafísica Teológica de San Bernardo de Claraval (1090-1153)”. In: *De Medio Aevo 1*, 2012, p. 131-144. Internet, <http://www.ricardocosta.com/artigo/el-concepto-de-naturaleza-en-la-metafisica-teologica-de-san-bernardo-de-claraval-1090-1153>.
- COSTA, Ricardo da, e DANTAS, Bárbara. Bondade, Justiça e Verdade. Três virtudes marianas nas *Cantigas de Santa Maria* e no *Livro de Santa Maria*, de Ramon Llull. Internet, <http://www.ricardocosta.com/artigo/bondade-justica-e-verdade-tres-virtudes-marianas>.
- DANTAS, Bárbara. “Des oge mais quer' eu trobar pola senhor onrrada’: a iconografia e os motivos arquitetônicos presentes nos textos das Cantigas de Santa Maria (séc. XIII)”. In: *Anais do XVI Encontro Regional de História da ANPUH-Rio: saberes e práticas científicas*. Rio de Janeiro, 2014, p. 1-12.
- DUBY, Georges. *O tempo das catedrais*. Lisboa: Estampa, 1979.
- DUBY, Georges. “Arte e Sociedade”. In: DUBY, Georges, e LACLOTTE, Michel. *História Artística da Europa. Tomo I*. São Paulo: Paz e Terra, 1997, p. 15-125.
- ECO, Umberto. *Arte e beleza na estética medieval*. Rio de Janeiro: Globo, 1989.
- FLANDRIN, Jean-Louis e MONTANARI, Massimo (dir.). *História da Alimentação*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.
- FOCILLON, Henri. *Arte do Ocidente: a Idade Média Românica e Gótica*. Lisboa: Estampa, 1978.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. “Ave Eva! Inversão e complementaridade míticas”. In: *Os três dedos de Adão*. São Paulo: USP, 2010, p. 303-329.
- GOZZOLI, Maria Cristina. *Como reconhecer a arte gótica*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- JONES, Owen. *A gramática do ornamento*. São Paulo: SENAC, 2010.
- LEÃO, Angela Vaz. *As Cantigas de Santa Maria de Afonso X, o Sábio: Aspectos culturais e literários*. São Paulo: Linear B, 2007.
- _____. *Novas leituras, novos caminhos: Cantigas de Santa Maria de Afonso X, o Sábio*. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2008.
- LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades*. São Paulo: UNESP, 1998.
- MENOCAL, Maria Rosa. *O Ornamento do mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- METTMANN, Walter. *Cantigas de Santa Maria*. Vol. I, II, III e IV. Madri: Castalia, 1989.
- OBRAS completas de San Bernardo de Claraval* (Introd. y trad. por Juan María de la Torre), Madrid, BAC, 1943, Vol. VI.
- O’CALLAGHAN, Joseph F. *El Rey Sabio. El reinado de Alfonso X de Castilla*. Sevilla: Universidad de Sevilla, 1999.
- RAMALLO, Germán. *Saber ver a arte românica*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- SCHAMA, Simon. *Paisagem e Memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- THE Oxford Cantigas de Santa Maria Data Base. Internet, csm.mml.ox.ac.uk.
- TOMAN, Roman. *O Gótico: arquitetura, escultura e pintura*. Colônia: Könemann, 1998.
- _____. *O Românico: arquitetura, escultura e pintura*. Colônia: Könemann, 2000.
- WALTHER, Ingo F.; WOLF, Norbert. *Obras Maestras de la Iluminación*. Madrid: Taschen, 2005.
- WILLIAMSON, Paul. *Escultura gótica: 1140-1300*. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 1998.